

PAINEL 4

ANATOMIA DE UM ROMANCE: UM ENSAIO AUTOCRÍTICO¹

Cristina Maria Penz

(Acervo Literário de Erico Verissimo)

Erico Verissimo sempre demonstrou um profundo interesse pela crítica e pela teoria literária. Sua conseqüente formação — pouco acadêmica, mas nem por isso menos sólida — nessas áreas lastreia sua obra de ficção, acrescentando-lhe qualidade formal. Esse aspecto do escritor permanece, no entanto, desconhecido para muitos de seus leitores, a quem Verissimo costumava apresentar-se como um **simples contador de histórias**. Preservadas por sua família, as notas manuscritas por Erico Verissimo em cadernos, agendas, fichas e pequenos blocos tornam possível o contato com o inusitado autor-crítico ou autor-estudioso da literatura.² O caderno de anotações intitulado **Anatomia dum romance**, de 1968, revela-se exemplar com relação a esse aspecto. Nele, o escritor esboça esquematicamente o que seria, talvez, um ensaio crítico. O tema: sua novela **O prisioneiro**, publicada em 1967. Especulando em torno de sua própria criação ficcional, Verissimo produz uma **autocrítica**, sintoma de sua preocupação formal.

O ensaio **Anatomia dum romance** não foi publicado e a inexistência de outras versões faz-nos supor que ele não o tenha concluído. Sua estrutura, entretanto, ainda que sob forma de esquema, foi delineada por Verissimo, e uma leitura e síntese dos pontos abordados por ele permite a recuperação aproximada de seu conteúdo.

A primeira página do caderno de notas contém o esqueleto do ensaio, que por sua vez visava recuperar a anatomia de **O prisioneiro**. Ele revela o tipo de indagação acerca da literatura a que se propunha o escritor, através de uma análise de sua novela.³

- A anatomia de «O Prisioneiro»

- Como nasceu a idéia
- Como se desenvolveu
- Como se definiu a história
- Como se modificou
- Gênese e transformação das personagens
- Estrutura do romance
- Tom (Tempo: pace)
- Linguagem
- A parábola e seu sentido
- Dúvidas e modificações
- Consultar cuidadosamente o 'cisco'»⁴

Numa carta a seu tio Luderites Ramos, datada de 7 de abril de 1967, referindo-se ao «nascimento» de *O prisioneiro*, Erico Verissimo comenta: «Eu estava escrevendo um livrinho sobre Israel e ao mesmo tempo projetando um romance para começar ainda este ano... quando de repente me apaixonei por um tema de palpitante atualidade e me atirei numa novela. Interrompi o primeiro capítulo para te escrever estas linhas (...).» O tema de palpitante atualidade a que se refere o escritor surgiu-lhe após a leitura de um debate sobre os problemas da China transcrito na revista *Comentário*, sobre o qual chamou-lhe a atenção Mauricio Rosenblatt. Mais do que aos próprios pontos de vista discutidos no artigo, porém, Erico Verissimo atentou para um fato, narrado a nível de exemplificação: o caso de um terrodista argelino torturado por um oficial do exército francês para que revelasse a localização de uma bomba-relógio. O caso, e os aspectos éticos subjacentes, eram adequados para tema de uma novela. Em outras palavras, o escritor necessitava de uma *história* através da qual pudesse exteriorizar suas opiniões sobre a guerra, sobre todas as guerras. O contador de histórias se viu desafiado a escrever uma novela *de tese*. Como se deu essa passagem — da esfera das idéias para o universo ficcional? A questão, segundo alguns fragmentos do caderno de notas, seria desenvolvida em *Anatomia dum romance*:

Em O. P. a história serve à idéia. **This is very important.**

Digo: uma história **PLAUSIVEL** (ou mesmo provável) capaz de segurar o leitor sucinta mas rica

E contendo alguns dos pungentes problemas do homem moderno.»

Outra passagem, intitulada *Defesa da estória* elucida esse mesmo ponto:

•DEFESA DA ESTÓRIA

Veículo. Líquido. Tecido conjuntivo.

Função de combinação tempo-espaco.

O ser se revela na existência. (Um filósofo me corrigiu:

'Se revela ou se esconde.' Retruquei:

'O esconder-se é também parte de sua revelação.')

A personagem se revela na estória. É essência, a estória, existência.

Há histórias que contêm, digamos, uma tese.

Mostrar que em O.P. a estória é sua própria tese:

o caso do interrogatório e o final em que o negro se vê obrigado a matar o tenente.

Para os que repelem a estória há o ensaio, a poesia, a divagação pura, a psicologia, etc.»

Se o escritor dá existência a seus personagens através da história (o interrogatório do prisioneiro e os fatos que o antecederam e o seguiram), subordina-os por sua vez ao que ele chama a *idéia* ou *tese*. Ainda que possuam densidade psicológica, os personagens de *O prisioneiro* permanecem anônimos, indicados apenas por sua posição na hierarquia militar (coronel, tenente, major), sua profissão (professora, médico), ou simplesmente através de uma letra (K.) ou situação (o prisioneiro). Suas reflexões, ações ou diálogos (a serem também analisados por Verissimo em *Anatomia dum romance*) revelam os chamados pungentes problemas do homem moderno, além de evidenciarem as opiniões do próprio autor.

No que diz respeito ao item *gênese e transformação das personagens*, Erico Verissimo deixou inúmeras anotações. Dentre elas, *Aparentes contradições* e *Tenente* levantam também a questão do narrador, do ponto de vista:

•APARENTES CONTRADIÇÕES

A professora, que é obviamente o meu porta-voz na questão da guerra, diz que os vietcongs (seu comunismo) é uma forma de nacionalismo.

Por que então quando eu, autor, me refiro aos Vc chamo-lhes comunistas?

Resposta: O autor comumente assume o ponto de vista da personagem em cena: coronel, etc.

E nas primeiras páginas? Quando nenhum oficial apareceu ainda?

É o ponto de vista do 'mundo', dos 'jornais' do lado de cá, do que se crê entre os camponeses trabalhados pela propaganda do Governo do Sul.

TENENTE

Houve um momento (perigoso) em que pensei até em escrever a história na primeira pessoa. Ângulo do tenente. Não durou nem uma hora.
IMPOSSIBLE.

Erico Verissimo implementa também um levantamento dos elementos considerados por ele **simbólicos** na novela:

«ESQUEMA DE CORES

Mãe — mulher branca — pureza ou purificação:
AZUL

Azuis os olhos da mãe
Azul o vestido da moça na amurada do navio
Gesto delicado de despedida: presente and turqueza para K.

A professora está com roupa^s azul.
Ele compra (gesto de reconciliação) roupa azul para a mulher

Amarelo em diversos tons: túnica dos monges.
O prisioneiro (citrino)

O vestido de K. no dia em que ela morre.
De certo modo o fogo, as chamas.

ÁGUA

Que sentido poderá ter o grande rio?
O Tenente se sentia fascinado por ele e pelos barcos de roda.

O sonho é com o navio.
O que lhe fica na memória quando ele perde a identidade é um rio que recordava a cidade egípcia (Mênfis).

Isso me vem à mente sem 'esforço de busca'.

Não tive rio na infância ou adolescência.

Só aos 30 anos conheci o mar.»

Não chega a interpretar os símbolos, embora atribua-lhes importância. Essa passagem deixa bastante evidente o caráter ambíguo do ensaio crítico de Verissimo. De um lado, manifesta-se o crítico, submetendo **O prisioneiro** a uma análise literária, dotada de distanciamento. De outro, o autor, que procura compreender-se, surpreender a si mesmo no processo de criação.

Um último dado, sobre o qual o escritor transcreveu inclusive textos teóricos: o estilo. Erico Verissimo costumava sele-

cionar e copiar em seus cadernos de notas pequenos trechos dos livros que lia, destacando as passagens que lhe interessavam. Do ensaio **La degré zéro de l'écriture** de Roland Barthes⁶, o escritor marcou, com um ponto de exclamação na margem, o seguinte trecho: «Langue et style sont des forces aveugles; l'écriture est un acte de solidarité historique. Langue et style sont des objects; l'écriture est une fonction: elle est le langage littéraire transformé par sa destination sociale, elle est la forme saisie dans son intention humaine et liée, ainsi, aux grandes crises de l'Histoire.» Outra página do caderno traz também uma citação de Tolstói: «Every artist necessarily creates his own form».

As notas que formam o ensaio inacabado **Anatomia dum romance** (um **post scriptum** a **O prisioneiro**) ocupam quase cinquenta páginas de um caderno. Não é necessário transcrevê-las todas para que se possa ter uma idéia da validade das indagações de Erico Verissimo em relação ao fenômeno literário. O escritor, ao contrário do que defendem alguns críticos, não era um fabricante de **best-sellers**, «desleixado» ao escrever. Talvez um fato tenha contribuído para a criação dessa falsa imagem. É sabido que Verissimo escrevia seus livros diretamente à máquina, com grandes espaços entre as linhas, nos quais incluía mudanças posteriores. Não se deve concluir daí, no entanto, uma tendência do escritor a «deixar as coisas como estão, ou como apareceram no papel» e sim a presença de uma fluência na sua prosa, sujeita sempre a revisões e reparos.

Anatomia dum romance seria, se concluído, uma importante contribuição do escritor ao conjunto de obras que têm como tema sua produção ficcional. Empregando uma imagem criada por ele e aqui reproduzida, seria um raro diálogo entre o vitrinista e os leitores de sua vitrina:

«NOVELISTA: VITRINISTA

Ver a validade desta imagem:

O novelista é o homem que arruma a vitrina com o material que o depósito lhe manda (o inconsciente) — arranjando cada coisa em ordem (ou desordem, mas aparente, pois que é buscada) recusando tal objeto e aceitando a contragosto um outro por 'exigência' de um artigo que ele precisa mostrar.(...)

A intenção da vitrina: mostrar certos artigos da estação, isto é, problemas do momento. Uns vitrinistas seguem a técnica cumulativa. Outros, a 'sugestiva'. Outros ainda a do choque de

contrastes. Mais ou menos coisas na vitrina.
Utilização do espaço. Dos vácuos. Equilíbrio geral.
Ou desordem.
Outro objetivo: puramente estético.
Será que vale a comparação?»

NOTAS

¹ Os responsáveis pelo acervo de Erico Verissimo concederam permissão para a divulgação do material aqui apresentado, até agora inédito.

² As notas manuscritas por Erico Verissimo integram seu acervo, que vem sendo organizado por uma equipe de pesquisadores, tendo-se já levantado e classificado grande quantidade de material referente ao escritor, como originais, fotografias, cartas, críticas, etc.

³ Optou-se pela transcrição literal das notas, conservando-se inclusive as palavras escritas por Erico Verissimo em inglês (idioma muito utilizado pelo escritor em anotações e originais). Em alguns casos, no entanto, divulga-se apenas um fragmento da nota, considerado mais importante na elucidação do tema.

⁴ O «cisco» era o conjunto de anotações e originais inaproveitados relativos à novela *O prisioneiro*.

⁵ A palavra «roupa» foi incluída pela pesquisadora, substituindo outra empregada pelo autor, ininteligível.

⁶ BARTHES, Roland. *Le degré zéro de l'écriture. Éléments de sémiologie*. Paris, Gonthier, 1971. (Bibliothèque Mediations, 40). p. 17. A data da publicação desse ensaio de R. Barthes coloca em dúvida a data (1968) precisada pela pesquisadora, através de roteiros incluídos no caderno de notas, para a elaboração de *Anatomia dum romance*. É possível, no entanto, que Erico Verissimo tenha feito a leitura de *Le degré zéro de l'écriture* alguns anos mais tarde.